



11ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS & 8º Simpósio de Pós-Graduação

PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA

Aline MOREIRA¹; Melissa S. BRESCI²

RESUMO

Na contramão da história em meados do século XX, o pedagogo, filósofo e Patrono da Educação Brasileira desde a declaração da Lei nº 12.612 de 13 de Abril de 2012, Paulo Reglus Neves Freire atentou o seu olhar para a educação e apresentou em suas obras de forma clara, prática e objetiva as suas ideias para que o sistema fosse aperfeiçoado, mesmo que isso levasse um tempo indeterminado para que fosse estabelecido e aceito pelos docentes apoiadores de uma pedagogia tradicional, absoluta e inflexível. Sua metodologia visava promover um aperfeiçoamento no ato de ensinar, proporcionando uma liberdade ao aluno e ao docente no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Aluno; Docente; Sistema; Pedagogia.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a educação passou por diversas transformações e todas elas baseadas em fatores sociais, econômicos e políticos. Analisando essas questões, Paulo Freire, em 1963, colocou em prática o método de alfabetização para adultos, criado por ele, com a finalidade de politizar aqueles que eram menos favorecidos economicamente e, até então, não puderam ter acesso à educação.

Freire não só debateu em suas obras sobre a importância da educação como um instrumento de formação do homem político, mas também levantou questões sobre o modelo educativo que vinha sendo utilizado pelos docentes naquela época, então, apresentou uma nova proposta a ser trabalhada. Essa nova proposta visava colocar o aluno como um ser ativo na sua formação como sujeito, contraponto ao método aplicado anteriormente, na qual o educando estava apenas na posição de receptor de informação.

O presente trabalho objetiva discutir estes modelos bancário e libertador da educação analisados pelo pedagogo, centrando-se na concepção freiriana de uma educação libertadora.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 Licencianda em história, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail:aline.moreira@alunos.ifsuldeminas.edu.br.
2 Orientadora, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: melissa.bresci@ifsuldeminas.edu.br.

Paulo Freire, em 1968 lançou o seu segundo livro “Pedagogia do Oprimido” que abordou detalhadamente o modelo de educação na qual era aplicado naquele determinado momento no Brasil. Sua crítica se dava pela indignação sobre o alto nível de analfabetismo entre os jovens e adultos no país. Portanto, criou métodos a ser trabalhados para que os índices viessem a abaixar após o trabalho ser realizado.

O autor publicou ainda outros livros que abordam o tema da educação como um ato de liberdade e formação do homem como um ser alfabetizado, social, cultural e político. São alguns deles: Pedagogia da Autonomia e Educação como Prática da Liberdade.

Freire descreve detalhadamente a ação dos atores, professor e aluno, no cenário do ensino e aprendizagem da seguinte forma:

a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos são os disciplinados; f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; i) o educador identifica a autoridade do saber com a sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 2011, p. 82-83).

Baseado nessas observações dos comportamentos dos sujeitos, Freire discorre suas discussões nos campos educacional e social, apoiando-se na ideia de que o homem não é um objeto receptor de informação, mas sim, um indivíduo participativo em seu contexto.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Os materiais utilizados para desenvolver a presente discussão, foram selecionados partindo do pressuposto de que, a educação brasileira, ao longo dos anos vem passando por muitas transformações em seu campo de exercício.

Buscou-se autores como Paulo Freire e Moacir Gadotti, discípulo freiriano, para analisar seus conceitos sobre os processos educacionais e a importância deles no contexto social e político, assim como as metodologias aplicadas para a concretização da funcionalidade das ideias propostas pelo filósofo e educador, que teriam por finalidade a transformação inicial do professor e respectivamente do aluno na construção educativa de ambos.

Foram utilizadas obras como Pedagogia do Oprimido, Educação como Prática da Liberdade, de Freire e Pensamento Pedagógico Brasileiro, de Gadotti, para extrair os argumentos que sustentam a importância da autonomia do estudante e sua formação social, baseados em observações no sistema

educativo brasileiro e experiências realizadas com a aplicação do método Paulo Freire de alfabetização.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com a teoria elaborada por Paulo Freire, existiram duas concepções de ensino, a concepção bancária, e a problematizadora ou libertadora. Sobre os princípios educativos bancários, em seu livro Paulo Freire descreve:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósito que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2011, p. 80-81)

As atitudes opressoras de um sujeito sobre o outro tem como objetivo a manipulação, de enquadrar um grupo de pessoas fazendo com que sua mentalidade seja oprimida e restrita apenas ao que o sistema maior o impõe.

De acordo com Freire para que a realidade dessa educação bancária viesse a mudar, o docente teria por prioridade proporcionar um “pensar autêntico” (FREIRE, 2011, p. 86) e o próprio educando, como um ser ativo nesse desenvolvimento, ter a consciência de que não é mais apenas um receptor de ideias que não foram geradas por ele, mas sim por alguém que queria o formar como se achava mais conveniente e, partido daí, dá-se a ideia de libertação de um ser pensante.

Para que esse homem se torne um ser reflexivo é necessário que tenha uma percepção de mundo, passe a valorizar tudo o que está a sua volta, que todos os elementos que vê, sua rotina, relações sociais, trabalhistas, familiares e etc. são objetos que proporcionam conhecimento, rompendo com as ideias de que o aprendizado é uma caixa fechada que não há possibilidade de ver fora dela. Platão em sua metáfora Mito da caverna³ narra uma história sobre a posição do homem quanto ao seu comodismo diante das questões filosóficas e da importância do interesse humano do conhecimento pelas coisas além do que é imposto a ele. O que faz o homem evoluir de forma intelectual, emocional, psicológica e social é a sua capacidade de interação, socialização e o mais importante, da comunicação.

O objetivo principal de uma educação libertadora é proporcionar entre o aluno e o professor a oportunidade de diálogo entre as partes pois, ambos têm a capacidade tanto de ensinar como de aprender. A partir do momento em que o docente entende que pode não só transmitir conhecimento e conteúdo como também aprender com o que os alunos podem oferecer, ele mesmo está se dando a liberdade para o seu crescimento profissional e até mesmo pessoal proporcionando assim não mais

³ Metáfora escrita por Platão na obra *A república – Livro VII* publicada na década de 380 a.C.

um sistema hierárquico mas uma relação igualitária. Freire diz: “Já agora, ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 2011, p. 96)

O professor na sua atuação tem a possibilidade de fazer uma função mediadora do acesso ao conhecimento, mostrando para o aluno uma variedade de caminhos que pode seguir para adquiri-lo pois nem todas as pessoas têm a mesma capacidade de aprendizagem e tampouco aprendem da mesma forma. Até mesmo essa análise deve ser feita quando o assunto é ensinar e esse ato “[...] não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 2011, p. 98). Ou seja, o homem é um ser do mundo, faz parte dele e é a partir dessa relação, desse conhecimento do mundo pela sua parte que se dá o conhecimento, do seu redor e de si mesmo.

5. CONCLUSÕES

Conclui-se que uma prática libertadora implica na participação do aluno e do professor como aprendizes, a partir de um diálogo em que o docente se importe com o interesse de aprendizagem e o educando tenha a liberdade de pensar além do simples conteúdo programático pré-estabelecido, quebrando o paradigma de que só há um que sabe o molda a mentalidade dos demais porque acredita que as suas concepções são absolutamente corretas, ambos são agentes ativos no nesse processo.

O processo educativo é uma via de mão dupla sendo que na mesma medida em que o docente tem capacidade para ensinar o estudante também tem algo nele que pode ser transmitido e ensinado. Ele não está somente relacionado com a formação do indivíduo, mas com a sua capacidade pensante e crítica para transformar de forma positiva a sociedade e consequentemente, o mundo.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 24º ed. 2009.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 41º ed. 2010.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 50º ed. 2011.
- GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 8º ed. rev. e ampl. 2009.
- PAULO Freire, patrono da educação brasileira. **Instituto Paulo Freire**, 2019. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>> Acesso em: 17 jun. 2019
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 23º ed. 2010.